

ANTONIO BOTTO

9 DE ABRIL



LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO

14, RUA DE BARROS QUEIROZ, 18

L I S B O A

FIGURAS

DIOGO
EDUARDO
CARLOS
RAUL
ARTUR
CANDIDO

FLORINDA
LEONOR
CAROLINA
ALBERTINA
GENOVEVA
MARIA ROSA

HOJE

ACTO PRIMEIRO

Interior de uma casa num bairro pobre de Lisboa. Ao F. a porta de entrada. Casa térrea. Dos lados, duas janelas. Nas paredes, uma oleografia barata mostrando uma cena de naufrágio, um retrato de Charlot, um relógio, e uma fotografia de Diogo aos 30 anos, emoldurada em madeira prateada. Um guarda-loiça, um espelho, uma larga mesa de trabalho com alguma papelada em desalinho, réguas, compassos, bocados de giz, lápis de vários tamanhos e de várias cores e um rôlo de papel vegetal. Sobre um banco, amostras de madeiras. Junto da mesa, no chão, algumas latas de tintas e alvaiade. Cadeiras de vêrga. Quási a meio da casa uma outra mesa, com toalha e restos de jantar. Do tecto, um fio com lâmpada e «abat-jour» de papel um pouco estragado. Do lado esquerdo, E. A. uma porta aberta comunicando com um quarto de cama; à E. B. uma pequena escada escalavrada de dois patamares conduzindo a outras dependências da residência. Ao tópo da escada uma pequena janela. No segundo patamar, vêem-se dois vasos com malva rosa florida. No pavimento da E. A. Raúl tange à guitarra o «Fado da Lotucura», num tom vibrante e choroso. Diogo, mestre de obras e empreiteiro, acaba de fazer a sua refeição da noite. Sentado, fuma um charuto barato e lê, sem atenção, o jornal «O Século». Cândido, parece escutar embevecido os lamentos da «lirosa». Artur,

arranca fumaças a um cigarrito enfezado. Eduardo, junto à mesa do centro, debruça-se sobre um exemplar da «História da Revolução Francesa».

CENA I

DIOGO, ARTUR, CÂNDIDO e EDUARDO

DIOGO (*após um breve silêncio em que a fumar olha para o jornal*) — Pois a vida é isto! Mata-se a gente p'ra nunca ter nada!

ARTUR — Quando o Sr. Diogo diz isso, o que direi eu?

EDUARDO — Tu nunca ouviste dizer que quem não chora não mama?

DIOGO (*a Eduardo*) — Sim senhor! Muito bem! O menino teve gracinha... (*Lendo*) «Desarmamento forçado». (*Desinteressando-se*) Com que então quem não chora não mama?

CÂNDIDO (*Um pouco embriagado e pastoso*) — Ora aí está uma coisa que nem sempre é assim! Tenho gemido e chorado em todos os tons e de tôdas as maneiras para conseguir um «tachinho» e, afinal, nunca mais passo de assistente vazio na legião do desemprego. Isto de ter sorte não é para qualquer! Mas, enfim..., haja saúde! Saúde e algum dinheiro! Olhe!, o sr. Diogo ainda o ganhou em bom tempo!

DIOGO — Sim ! Isto hoje é um bocadinho diferente ! Levantar um prédio pronto a habitar não é tarefa que se faça como quem canta uma cantiga ! E as empreitadas já não dão o que davam aqui há vinte anos ! No entanto, se fizermos bem as contas, tudo está em proporção. Agora tenho eu entre mãos uma casita, ali no Bairro das Colónias, que me tem dado água pela barba. Fiz um orçamento um pouco pela escassa e estou a ver que perco dinheiro...

CÂNDIDO — Sete meses ou sejam vinte e oito semanas que eu estive sem ganhar um tostão ! E daqui a pouco estou na mesma ! Restam uns remendos no telhado do Hospital de S. José e consertar os caixilhos de quatro janelas num prédiosito manhoso...,— está a ver a grande fartura !...

DIOGO (*Intencional*) — Uns não arranjam porque não procuram..., outros procuram e não arranjam...

ARTUR — Tudo vai da sorte do indivíduo. Há tipos que, quando acordam, têm prédios à cabeceira ; outros, então, nem cuspo têm na bôca.

CENA II

Os mesmos e LEONOR depois ALBERTINA

LEONOR (*Aparecendo no tópo da escada*) — Não haverá maneira de mandar calar o Raúl ? Já é gui-

tarra de mais ! Maldita sanfona ! Quere uma pessoa descansar e não pode !

EDUARDO — Estás hoje muito *esquesita* !

CÂNDIDO — Você não gosta de ouvir uma guitarra ? Pois olhe, quem é contra o Fado é contra a vida !

DIOGO — Ela tem razão, porque aquele quando lhe pega é até vir a «mulher da fava ! »

LEONOR — Se vocês se levantassem à hora que eu me levanto, não falavam assim ! Mas aqui nesta casa não se pode dizer nada ! (*Sai*)

EDUARDO — Aquilo é nervoso do Carlos ainda não ter aparecido.

CÂNDIDO (*Um pouco a cambalear e pastoso na dição*) — A guitarra é a voz de Alcácer-Quibir... Na melodia do Fado até se vêm naufrágios !

ARTUR — Naufrágio me pareces tu. (*Batem*) Estão a bater !

EDUARDO — Quem é ? (*Encaminha-se para a porta*) Quem é que está aí ? (*Ficam todos suspensos, silenciosos*)

ALBERTINA (*Fora*) — Sou eu, sr. Diogo ! O meu Artur ainda aí está ?

DIOGO (*a Artur*) — É a tua mulher ! (*Eduardo abre a porta*)

ALBERTINA — Julguei que era o sr. Diogo ! Boas

noites ! (*Para Artur*) Aqui é que é a tua casa ? Nunca tens pressa de recolher ! É preciso vir-te buscar pela arreata...

CÂNDIDO (*Olhando o relógio*) — São 11 e meia. Vou-me chegando até à deita. Tenho que me levantar às 7 e a cabeça já está a pedir travesseiro...

DIOGO (*a Cândido*) — E vê lá não te esqueças de me pagar os vinte escudos que me deves.

CÂNDIDO — Tá bem, não há novidade ! De boas contas haverá igual, mais..., é que talvez seja difícil ! Boa noite ! (*Sai*)

EDUARDO — Boa noite, ó Cândido !

ARTUR — Até amanhã ! Boa noite !

ALBERTINA — É justo que pague... Já trabalha...

ARTUR — Dever é honra ; pagar é brio !

EDUARDO — Já trabalha ? ! Quem ouvir isso... Faz dois dias por semana !

DIOGO — Tens sempre a mania de dar sentenças !

EDUARDO — Sentenças, não ! É a verdade !

ALBERTINA (*a Diogo*) — A sr.^a Florinda já está deitada ?

DIOGO — Não ; está aí para dentro a passar a ferro.

ALBERTINA (a Artur) — E tu vai-te pondo em acção! (*Sai pela porta da esquerda alta*)

DIOGO (a Eduardo) — Eu queria ver o que tu fazias, se não tivesses aqui o quartel às ordens!

EDUARDO — Vocemecê acha que eu ando à boa vida por prazer?

DIOGO — Basta de conversas! Tu pensas que, por seres instruído me embarrilas o juízo? Eu cá nunca precisei de ler livros para me saber governar!, — a mim e a vocês todos!, embora tenha lido muitos e ainda compre alguns de vez em quando! Por causa das sabedorias é que o mundo anda assim nesta linda situação! Trapalhadas, guerras, políticas — um inferno em que ninguém se entende! É quem mais pode intrujar! Êle é o fascismo, êle é o comunismo, êle é o bolchevismo, — eu sei lá o que êles inventam para a gente andar às aranhas! (*Raúl acabou de chorar o fado na guitarra e vem à porta do quarto.*)

ARTUR — Os empregos também não aparecem assim com a facilidade que o sr. Diogo imagina! Cá estou eu, que ando p'r'aí todos os dias de chapéu na mão, de oficina em oficina, e não há meio de arranjar seja o que fôr. Agora prometeram-me um lugar na União Fabril. Já ontem disse à mulher: Se daqui a uns três dias não me chamarem, perco o resto da vergonha e vou vender jôgo!

DIOGO — Veja lá você se algum dos meus filhos diz isso...

RAÚL — Então o pai achava bem que qualquer de nós andasse a vender cautelas ?

EDUARDO — Pelo que vejo...

DIOGO — E que tinha isso ? Não era ganhar a vida ?

RAÚL — Não é bem assim, meu pai ! Por mim, não pretendo explorá-lo, mas, acho que não está certo lançar mão dêsse recurso, tendo vocemecê dois prédios, e qualquer dêles nada mau, com um razoável rendimento que dá e sobra para não andarmos por ai a fazer figuras tristes !

ARTUR — Lá isso parece-me acertado...

EDUARDO — Não nos tivesse mandado para a escola ! Para apregoar vigésimos e cautelas não era preciso estudar tanto ! O pai deve lembrar-se de que até queria que eu fôsse engenheiro e p'ra isso obrigava-me a andar sempre agarrado aos livros ! Depois, meteu-nos em oficinas de serralheiro. O Raúl, coitado, a respeito de sorte, tem sido uma calamidade ! Eu, também, nem falar nisso é bom ! Uma semana trabalho, outra descanso ! Mas o que quer que se faça ? Que obriguemos o patrão, à fôrça, a dar-nos a fêria sem trabalharmos ? Se dissessemos há onde matar o corpo e nós, na paródia, na ramboia, atidos apenas às sopas de casa e aos cobres que nos dá para qualquer extravagância, então teria razão para falar... Mas bem vê que não é assim...

ARTUR — Escusam de se moer ! A culpa está lá em cima ! Deus já deve estar muito velhote e muito aborrecido com isto cá por baixo... Devia ser substituído... Esta caranguejola precisa de nova orientação. Eu, há dois anos, com a minha Albertina, ainda ia à Senhora da Atalaia, ao Senhor da Serra e a outros senhores e senhoras, mas, desde que ando à boa vida e não ganho vintem, cortei relações com essa gente ! A mulher ainda lá vai fazendo a sua chordeirazita diante de um oratório que eu comprei na Feira da Ladra, na véspera do casamento, mas eu é que perdi a confiança... A confiança e a fé !

CENA III

Os mesmos e FLORINDA, depois LEONOR

FLORINDA (*Vindo à porta da E. A.*) — Depois dizem que as mulheres é que dão à língua ! Eu vejo que os homens ainda são piores ! (*Chamando para cima*) Ó Leonor ! Vocês não se vão deitar ! (*Chamando novamente*) Leonor !

ARTUR — Estavamos p'r'aqui a coçar as ideias.

FLORINDA — Sim, sim... A Carolina inda não veio ?

RAÚL — Eu nem sabia que ela tinha saído... (*Albertina vem à mesma porta da E. A.*)

EDUARDO — Foi ao cinema com a filha da Rosária e o namorado.

ALBERTINA — Diverte-se! Está na idade...

FLORINDA — Hoje era o dia da folga. (*Chamando*) Ó Leonor! (*indo para a escada*) Estará deitada?... Precisava que ela me ajudasse a dobrar uns lençóis!

ALBERTINA — Se é por isso, estou eu aqui! Não me custa nada...

ARTUR (*Levantando-se*) — Pois isto está mau, sr. Diogo!

FLORINDA (*a Albertina*) — Obrigada! Preciso também de lhe falar de uma camisola que me falta! (*Vai a subir a escada, quando Leonor aparece*) Ah, já aí vens! Anda cá abaixo, que preciso de ti!

RAÚL (*a Eduardo*) — É verdade! Chegaste a falar ao tal sujeito da Companhia dos Eléctricos?

EDUARDO — Falei! Não metem ninguém!

DIOGO (*a Leonor*) — Já estavas a dormir?

LEONOR — Isso sim! Estava a fazer a cama! (*Olhando em redor*) O Carlos ainda não veio?

ARTUR — Naturalmente arranjou qualquer conquista..., e por lá se demora...

FLORINDA — Ele tem a sua mulher e chega-lhe bem!

FLORINDA (*Num grito abafado e numa voz molhada de lágrimas*) — Tinha que ser! Era assim!...

DIOGO — Dói-me tê-lo perdido, ao meu filho! Mas tenho a certeza de que foi um herói! (*Para a mulher*) Tu já reparaste na beleza que há na alma do homem que morre obscuramente pela salvação dos outros? Ainda que o Soldado fique sempre na ignorância do seu esforço, cumpriu com o seu dever.

FLORINDA (*Espectral. Os olhos marejados*) — Mas qual é a recompensa que nos fica da Guerra para aqueles que pela Pátria deram o seu amor e a sua vida? (*Escuro. Mutação. Ao F., numa luz crua de luar longínquo, a estátua aos mortos da guerra. Dos lados, um soldado e um marinheiro. Ambos apresentam armas com baionetas. Um clarim toca a silêncio.*

O pano cai, devagar.)